



Organizadora

Neyla Regina A. F. França

PSICANÁLISE

Observação de bebês

Método e aplicações

Blucher

OBSERVAÇÃO DE BEBÊS

Método e aplicações

Organizadora

Neyla Regina de Ávila Ferreira França

Observação de bebês: método e aplicações

© 2019 Neyla Regina de Ávila Ferreira França (organizadora)

Editora Edgard Blücher Ltda.

Imagem da capa: Gustav Klimt, *Baby*, 1917. Wikimedia Commons.

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar
04531-934 – São Paulo – SP – Brasil
Tel.: 55 11 3078-5366
contato@blucher.com.br
www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme
5. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua
Portuguesa*, Academia Brasileira de Letras,
março de 2009.

É proibida a reprodução total ou parcial por
quaisquer meios sem autorização escrita da
editora.

Todos os direitos reservados pela Editora Edgard
Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação
na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Observação de bebês : método e aplicações
/ organização de Neyla Regina de Ávila Ferreira
França. – São Paulo : Blucher, 2019.

222 p.

Bibliografia

ISBN 978-85-212-1430-4 (impresso)

ISBN 978-85-212-1431-1 (e-book)

1. Psicanálise 2. Mãe e lactente 3. Psiquiatria
da primeira infância 4. Bick, Esther, 1902-1983
I. França, Neyla Regina de Ávila Ferreira.

19-0206

CDD 150.195

Índice para catálogo sistemático:

1. Psicanálise

Conteúdo

Prefácio	9
<i>Nilde Jacob Parada Franch</i>	
Apresentação	13
<i>Neyla Regina de Ávila Ferreira França</i>	
PARTE I: MÉTODO	
1. Intimidade e observação mãe-bebê	17
<i>Neyla Regina de Ávila Ferreira França</i>	
2. A observação psicanalítica	33
<i>Alicia Beatriz Dorado de Lisondo</i>	
3. Da segunda pele à pele rítmico-psíquica	63
<i>Ana Belchior Melícias</i>	
4. Intimidante intimidade	97
<i>Ana Belchior Melícias, Henriqueta Maria R. Ginja da Costa Martins e Neyla Regina de Ávila Ferreira França</i>	

5. Neutralidade e abstinência na observação de bebês 111
Paulo Humberto Bianchini, Alfredo José Pasin, Geny Talberg e Maria Teresa Naylor Rocha
6. Da observação à intimidade mãe-bebê 135
Maria Cecília Pereira da Silva

PARTE II: APLICAÇÕES

7. Observação de bebês (método Bick) como instrumento de formação 163
Neyla Regina de Ávila Ferreira França e Suzana Grunspun
8. Observação de bebês em UTI neonatal e intervenções pais-bebê 175
Mariângela Mendes de Almeida, Rayssa Yussif Abou Nassif, Maria Elisangela Nunes Carneiro, Beatriz Len e Cecília Harumi Tomizuka
9. Um psicanalista na creche 191
Henriqueta Maria R. Ginja da Costa Martins
10. A observação de bebês em um contexto institucional 211
Norma Lottenberg Semer

Prefácio

Neste livro, a organizadora Neyla Regina de Ávila Ferreira França, psicanalista, oferece-nos a possibilidade de, em nossa língua materna, entrar em contato com o método proposto pela psicanalista inglesa Esther Bick, assim como com a experiência refletida e suas elaborações, por parte de psicanalistas brasileiros e portugueses.

Considero essa iniciativa muito valiosa; com base nas experiências de mais de três décadas, vários analistas nos dão a conhecer diversas e diferentes aplicações do método.

Na introdução, Neyla salienta a questão da *intimidade* na observação da relação mãe-bebê. Não é difícil de imaginar certo constrangimento inicial quando o observador se coloca nessa relação. Um certo estranhamento se dá, que talvez se aproxime da nova realidade da mãe frente a seu bebê. A intimidade precisa ser conquistada, cuidadosamente, na medida das possibilidades de cada situação.

Outro capítulo também sobre a intimidade nos é apresentado; suas autoras – Ana Melícias, Henriqueta Martins e Neyla França – o intitulam “Intimidante intimidade”. Aqui, aborda-se a intimidade no grupo de seminários. Não só a intimidade da relação da mãe, da família com o bebê, mas também a intimidade do observador enquanto tal, que é exposta diante de um grupo que tem, na figura do coordenador, o moderador ou modulador da situação. Novamente, uma situação bastante delicada de exposição da intimidade.

Ana Belchior Melícias apresenta o belo artigo “Da segunda pele à pele rítmico-psíquica”; quando Alicia Beatriz Dorado de Lisondo escreve sobre “O campo observacional no calor das paixões”, aborda também o que se passa na intimidade de cada personagem do campo, e entre eles. As paixões humanas diante de nós; nossas emoções em campo aberto!

E então? Como obter a assim chamada “neutralidade e abstinência”? Paulo Humberto Bianchini e colegas nos apresentam suas reflexões sobre o tema.

Maria Cecília Pereira da Silva nos oferece suas reflexões sobre o tema da intimidade na relação mãe-bebê, destacando a disponibilidade e a *rêverie* materna.

No capítulo dedicado às aplicações do método, sua importância é destacada na formação do psicanalista: a espera, a observação atenta, a não intervenção, o controle diante de uma possível intrusividade, são alguns dos aspectos da maior importância no trabalho analítico.

Artigos sobre outras aplicações – como “Observação de bebês (método Bick) como instrumento de formação”, de Neyla França e Suzana Grunspun; “Observação de bebês em UTI neonatal e intervenções pais-bebê”, de Mariângela Mendes de Almeida et al.; “Um psicanalista na creche”, de Henriqueta Maria R. Ginja da Costa

Martins; “A observação de bebês em um contexto institucional”, de Norma Lottenberg Semer – transmitem a experiência das autoras sobre a utilização do método em um contexto mais amplo.

O leitor certamente irá se beneficiar muito da oportunidade de compartilhar das experiências e reflexões dos autores.

Boa leitura a todos!

Nilde Jacob Parada Franch

Apresentação

A observação de bebês é uma experiência privilegiada para aqueles que se interessam pelo desenvolvimento psíquico nos seus primórdios e na instauração das relações iniciais entre a dupla mãe-bebê, e é um importante elemento na formação de uma atitude psicanalítica.

Este livro é uma enriquecedora coletânea que apresenta diferentes enfoques, uma diversidade de vivências e pesquisas que ampliam as ideias iniciais de Esther Bick.

Em minha experiência na coordenação dos seminários de observação de mãe-bebê, pude perceber quanto esse método contribui para o desenvolvimento do pensamento e da postura clínica daqueles que se dedicam a esse treinamento. Isso se traduz por uma maior capacidade de continência emocional, uma escuta mais apurada para os fenômenos psíquicos mais primitivos e uma maior compreensão da linguagem pré-verbal. Considero esses elementos essenciais na formação da função analítica, quer no exercício clínico com adultos, crianças ou adolescentes, como, também, para

os diversos profissionais que trabalham no atendimento de bebês nos hospitais, em intervenções pais-bebês e na infância em seus diversos setores.

Abre-se uma porta para a pesquisa sobre a complexa experiência de gravidez, parto e nascimento – situações da vida humana que são mobilizadoras de fantasias e intensas ansiedades.

O objetivo desta publicação é ressaltar os múltiplos aspectos da experiência da observação em seus desdobramentos teóricos e clínicos. O leitor encontrará capítulos em que a abordagem é sobre a questão da formação da mente do psicanalista, como concebeu Bick na Clínica Tavistock, em Londres, quando elaborou o curso para a formação de psicoterapeutas. Os outros capítulos são dedicados à aplicação do método em diversas áreas, como pesquisa, creche, UTI neonatal, gravidez etc.

Esperamos que a leitura deste possa contribuir para todos que se interessam por essa etapa da constituição da mente humana, que tanto nos surpreende com seus mistérios a serem desvendados.

Neyla Regina de Ávila Ferreira França

PARTE I

Método

1. Intimidade e observação mãe-bebê

Neyla Regina de Ávila Ferreira França¹

Introdução

Neste capítulo, quero salientar a questão da intimidade e como ela pode ser percebida nos três momentos da observação: na dupla mãe-bebê, no observador enquanto participante dessa intimidade e no trabalho desenvolvido nos seminários de supervisão.

Esther Bick, nas entrelinhas de seus artigos ou na descrição de observações, não salientou essas questões explicitamente, mas penso que ela tinha em mente estar lidando com a intimidade da relação inicial e valorizava esse trabalho como fator de desenvolvimento da capacidade clínica. Ela considerou essa atividade muito importante para a formação de futuros psicoterapeutas/psicanalistas e mostrou como a participação na intimidade, tanto da dupla

¹ Pedagoga e psicóloga, membro efetivo e analista didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP). Psicanalista de crianças e adolescentes. Docente do Instituto de Psicanálise “Durval Marcondes” (SBPSP). Coordenadora do Curso de Observação da Relação Mãe-Bebê segundo o Método Bick (SBPSP).

como das reações que ocorrem no observador, propicia um trabalho interno para o seu desenvolvimento. É também a oportunidade para acompanhar como se estrutura essa relação inicial; uma das tarefas do observador será lidar com suas próprias ansiedades, às vezes sem nome, e a mobilização de vivências primitivas.

O método

Bick deu ênfase à observação de bebês como instrumento de formação, um método que inclui, como objeto de estudo, os pensamentos, emoções e sentimentos experimentados pelo observador.

A palavra observação pode, num primeiro momento, parecer se afastar da proposta da psicanálise, que se propõe a uma escuta, captação do latente e verbalização por meio da interpretação. No entanto, ao privilegiar toda captação emocional que ocorre entre mãe-bebê e as vivências do observador com sua contratransferência e sua *rêverie* (Bion, 1962/1991) que lhe permitem captar as manifestações de estados emocionais muito primitivos, não verbais, temos um trabalho baseado nos princípios psicanalíticos, porém diferente daquele realizado nos consultórios.

Existem diferentes formas de observação, como a psicanalítica, sem hipótese a ser comprovada, ou outras formas experimentais.

A observação de bebês segundo o método Bick não é uma atividade experimental, mas formadora de uma atitude psicanalítica; sem uma hipótese a ser comprovada, trabalha com conjecturas baseadas no que é observado, permitindo uma compreensão do psiquismo em *status nascendi*.

Autores como Ogden e Bion (1962/1991) privilegiam a capacidade de sonhar do analista como meio de captar e se aproximar de situações emocionais tão primitivas e, por vezes, sem palavras.

Nesse sentido, a observação é um campo de treinamento de capacidades essenciais ao exercício da função psicanalítica. Podemos dizer que aqueles que passam por essa experiência adquirem maior capacidade para compreender estados muito primitivos da mente e condições de trabalhá-los com seus pacientes em seus consultórios, sejam adultos ou crianças.

O trabalho de observação de bebês consiste em observar uma dupla mãe-bebê semanalmente, nas condições habituais em que vive a família, durante o período mínimo de um ano. Bick preconiza que o relato das observações seja o mais fiel possível de tudo o que se passou. Como diz Shuttleworth:

esse material envolve uma complexa mistura de descrições de ações e experiências da mãe e do bebê, intercalada com preocupações e diálogos entre adultos, atividade dos irmãos e fenômenos socioculturais amplos. (1997, p. 17)

O método de Bick inclui o observador como elemento fundamental, o que o diferencia de outros estudos referentes ao desenvolvimento do bebê. O *observador está dentro do campo* e deve observar tudo o que ocorre da forma mais minuciosa possível: fatos, impressões, sentimentos mobilizados, fantasias, modificações corporais etc. A escrita e o posterior relato nos seminários permitem que sensações e emoções ganhem representatividade e possam se tornar pensamentos. Bick deixou claro que a observação é muito rica em si e que o observador deve ter uma postura fundamental de despojar-se das teorias enquanto a realiza.

Complementando esse ponto de vista, Inglês de Souza (2003) salienta que a observação da relação mãe-bebê focaliza particularmente dois pontos que interagem: aquilo que é observado (a

dupla mãe-bebê) e o instrumento de observação (constituído pela mente do observador). Durante todo o trabalho, esses dois elementos sofrem alterações. Na minha experiência, a observação não visa a qualquer intervenção ou proposta de orientação à dupla, no entanto, pode trazer benefícios e modificar a conduta da mãe, que se sente acolhida e contida, tornando-se mais atenta ao seu bebê, percebe melhor as mudanças dos estados mentais e os contêm. Por meio desse trabalho, a mãe desenvolve sua capacidade de observar e pensar.

A psicanálise, hoje em dia, considera a situação analítica como um interjogo de subjetividades. Na observação de bebês, há uma interação dos elementos envolvidos, e é impossível ter neutralidade absoluta. É recomendado que o observador deixe de lado suas teorias para se aproximar do campo de observação e criar um espaço para suas conjecturas sobre os movimentos da dupla. É importante que perceba seus próprios sentimentos.

Muito se tem escrito sobre a importância dessa atividade como instrumento de ensino e como formadora de uma atitude psicanalítica (Ungar, 2000; Mélega, 1987; Lartigue, 1999; Inglez de Souza, 2003). A observação de bebês contribui para desenvolver a compreensão da linguagem não verbal e da formação dos vínculos desde o início e, assim, desenvolver a capacidade de observar com base na experiência, em vez de se ater a conhecimentos já saturados.

O objeto da observação é complexo, envolve a experiência emocional do bebê, da mãe e sua relação nessa nova função, e a experiência emocional do observador frente a todos esses objetos ou elementos.

Houzel (2010) realça, nesse método, a importância de certas qualidades do objeto continente, como: atenção, disponibilidade, mente receptiva.

No método psicanalítico, não temos uma ideia a ser comprovada, mas uma reunião de elementos observados com base nos quais construímos o que chamamos de conjecturas psicanalíticas, que poderão, ou não, ser confirmadas.

Nesse método, reunimos todos os dados apreendidos pelos órgãos dos sentidos, como emoções e fantasias captadas pela mente receptiva continente, que as processa de forma consciente e inconsciente. O observador escreverá suas vivências com base nessas experiências e as levará para as discussões nos seminários. Para elaborar as conjecturas, o observador utiliza conceitos psicanalíticos fornecidos por recursos teóricos para suas reflexões e discussões sobre o material observado e apresentado. (Ungar et al., 2001).

Intimidade e a observação

Trabalhos sobre intimidade eram pouco presentes na literatura psicanalítica até poucos anos atrás. Nos últimos tempos, porém, vem surgindo um interesse pelo tema, principalmente entre psicoterapeutas e psicanalistas que trabalham com terapia de família e procuram entender essas complexas relações que envolvem intimidade e proximidade, como a relação de casais e a de pais e filhos (Chevalérias, 2003).

Podemos pensar que em todos os seres humanos encontramos dois níveis de intimidade. No primeiro, podemos dizer que intimidade é tudo aquilo que se refere a si mesmo, aquilo que há de mais secreto, privado e pessoal; e no segundo, parte dessa intimidade é compartilhada com o outro, estabelecendo relações de proximidade.

Para compreendermos como se forma a intimidade, temos que examinar sua construção na história do desenvolvimento de todo ser humano.

O bebê, no início da vida, é um ser completamente desamparado e dependente de outro para sua sobrevivência. Seu psiquismo também é muito precário, e é na relação com o outro, em especial com a mãe, que ele irá se constituir.

Essa relação inicial mãe-bebê é de proximidade, fusão e intimidade. É com base nessa primeira experiência que se dá a separação e a constituição da subjetividade.

Darchis chama a atenção para a situação inicial da vida do bebê, na qual ele participa de forma fusional com o grupo familiar e, mais particularmente, com a mãe; esse estágio a autora chama de intimidade primária, e toda a comunicação do bebê se dá num nível pré-verbal (2003). Winnicott chamou essa situação inicial de período da ilusão, no qual predomina uma fusão mãe-bebê e o sentimento de onipotência, estágio necessário para que o bebê crie condições, no futuro, para suportar a separação. No segundo momento, denominado por Winnicott de período da desilusão, inicia-se a percepção do outro e começa a haver uma diferenciação e uma diminuição da onipotência (1971/1985). Nesse ponto, as ideias de ambos os autores, sobre o desenvolvimento inicial, se aproximam.

Buscamos, ao longo da vida, relações familiares, ou íntimas, que, no fundo, reportam à primeira relação infantil: a relação materna. Precisamos, também, criar um espaço psíquico só nosso. No início, a mãe e o bebê estão fusionados, indiferenciados, um estágio que deveria durar um curto espaço de tempo. Gostaria aqui de lembrar a importância que Winnicott dá à capacidade de ser só como sinal de amadurecimento e, portanto, de construção de um mundo interno, de uma intimidade, algo próprio e pessoal que

constitui o si mesmo. A aquisição da capacidade de se separar é um processo gradativo.

A experiência do íntimo é possível graças à aptidão de se separar (Darchis, 2003). Portanto, a intimidade delimita o espaço psíquico interno e está ligada à capacidade de se separar. Intimidade e subjetividade são termos que se aproximam. A separação possibilita a construção de um eu e de uma subjetividade.

A qualidade dessa primeira relação de intimidade permite, no futuro, o encontro com o outro: a construção de um tipo de vínculo profundo e de proximidade que permite estabelecer uma relação entre duas pessoas, por exemplo, o amigo íntimo. Esse compartilhamento da intimidade determina relações de trocas profundas, em que o outro tem acesso a uma parte do mais secreto, do íntimo do outro.

Na observação mãe-bebê, temos a oportunidade de conhecer e participar dessa intimidade inicial e de acompanhar todo esse desenvolvimento. O observador tem o privilégio de aprender sobre as relações iniciais e sobre os estados primitivos da mente.

A intimidade da dupla mãe-bebê e o observador

Se a gravidez confronta a mãe com sua própria vivência de ter sido ela mesma um bebê, a observação, da mesma forma, leva o observador ao reencontro com suas vivências primárias. Ele passa por um processo de imersão na intimidade da dupla mãe-bebê e, ao mesmo tempo, necessita criar um espaço para estabelecer seu papel de observador. Essa dupla condição requer um trabalho de elaboração interna, é assaltado por muitas fantasias: ser invasivo, não poder retribuir a colaboração prestada pela mãe, não ser capaz de permanecer numa posição receptiva sem agir (Mélega, 1987).

Tais fantasias são comuns entre aqueles que iniciam o trabalho de observação. No entanto, tenho visto, nos seminários, que o principal temor é o de se aproximar e participar dessa relação de intensa intimidade e que mobiliza questões de sua própria intimidade primitiva. Medo de viver fantasias tão primitivas durante esse trabalho e que, muitas vezes, são verbalizadas em questões mais conscientes, do tipo: *Serei aceito? Vou conseguir me conter?*

O observador enfrenta uma situação diferente daquela de seu cotidiano profissional, pois não está em seu *setting* habitual no qual é procurado, nem, tampouco, tem o amparo de teorias, técnica e interpretação. Despojado de suas teorias, é convidado a viver uma experiência nova na qual deve observar todos os detalhes sem ter a preocupação de teorizar ou julgar. Ele é lançado num ambiente no qual é ele quem procura a família e entra na sua intimidade, o que é diferente de sua tarefa profissional.

Penso que Prat resume com clareza essa situação mobilizadora de muitas angústias para aqueles que se iniciam nesse método:

é uma situação peculiar em que o observador, despojado de seus modelos habituais de relacionamento e de seus esquemas de pensamento, entra semanalmente na intimidade de uma família, sem que se trate de uma visita social. (1992, p. 132)

Aos poucos, o observador se tranquiliza e constrói seu espaço interno, sentindo-se mais livre e, em consequência, mais atento e receptivo aos sentimentos que envolvem essa complexa situação inicial. A situação de perplexidade inicial se transforma, ele se tranquiliza e torna-se mais apto a realizar seu trabalho: observar.

O observador sente que o método da observação visa criar um estado de mente que propicia uma ampliação na captação dos

fenômenos inconscientes sem a necessidade de intervenção durante o processo. Precisa estar atento a tudo que acontece e se abster de selecionar o material observado ou se deixar levar pelas ideias teóricas.

Um estado de tensão mental poderá ser mantido até que o observador sinta algum significado emergir e, assim, terá acesso às palavras que nomearão os fenômenos observados. Ele cria, aos poucos, um estado de mente mais livre e amplia sua condição interna de captar os fenômenos inconscientes que serão melhor compreendidos, posteriormente, nas discussões do grupo.

O observador se utiliza de um tipo particular de receptividade em que as informações são captadas pela emoção, imaginação e processos de pensamentos, simultaneamente consciente e inconsciente, mantendo uma habilidade para tolerar a ausência de significados ou uma incompreensão dos fenômenos apreendidos. Houzel (2010) chama de mente receptiva a capacidade do observador de captar os fenômenos inconscientes e primitivos da dupla mãe-bebê.

Essa atitude do observador constitui um espaço para se projetar sentimentos, fantasias e angústias. Segundo Houzel, essa é uma função de *rêverie* não interpretativa. Bion também salientou o papel da *rêverie* materna no sentido de acolher as angústias do bebê, metabolizá-las e devolvê-las de tal forma que a mente rudimentar do bebê possa contê-las. Uma das contribuições que a observação proporciona à mãe é que o observador funciona como receptor das angústias e as contém em sua mente por meio de sua *rêverie*, fazendo um trabalho semelhante ao descrito por Bion quando trata da função materna.

A proximidade com a relação de intimidade pode causar defesas no observador como aquelas que observamos nas mães nos momentos de muita intimidade e proximidade, como na hora da

amamentação, em que se afastam do contato íntimo com o bebê e passam a se interessar por conversas, pela TV ou pelo celular. Cito o exemplo de uma mãe que tinha por hábito assistir a um filme de terror toda vez que ia amamentar, cujo conteúdo angustiava a observadora e a deixava perplexa.

Com o observador pode ocorrer algo semelhante, que o leva a desviar seu foco na dupla; ao distrair-se ou prestar atenção a detalhes, deixa de observar o que ocorre naquele momento entre a mãe e o bebê. Esse desvio constitui uma defesa contra angústias que estão sendo mobilizadas. Por exemplo, um observador que, na sua primeira visita, descreveu em detalhes a decoração do quarto, esquecendo-se do bebê e da mãe.

Durante as observações, é possível ver as reações do bebê provocadas pelo afastamento da mãe na relação. Bebês interrompem a mamada, esperneiam ou mesmo choramingam quando a mãe se afasta e quebra a ligação de intimidade.

O observador pode ser tomado por ansiedades, medos, preocupações com o bebê, sensações de desconforto sem causa aparente, mobilizadas não de forma consciente. Praticamente chama a atenção para estados de apreensão, inquietude e dúvidas que assaltam observadores mesmo sendo profissionais experientes. Cita também manifestações corporais, que são compreendidas como descargas motoras não organizadas de angústias e tensões que são projetadas e captadas pela mente do observador (1992).

A intimidade e o grupo de seminários

As reuniões do grupo de observadores com o coordenador são semanais com o objetivo de acompanhar as observações e discutir o material colhido. O grupo procura compreender o que ocorre na

relação mãe-bebê, faz conjecturas psicanalíticas sobre o que ocorre na dupla, observa e trabalha os sentimentos que foram mobilizados no observador durante o encontro.

Assim como a família se prepara para receber o bebê, o grupo e o observador também o aguardam. No início, há uma apreensão em relação ao fato de conseguir um bebê para ser observado. Durante esse período inicial, os participantes tomam contato com o método, com a técnica e com suas fantasias em relação à nova tarefa. Todos estão mobilizados para encontrar uma família com um bebê que se disponibilize a receber um observador por um período que pode variar de um ano a até um ano e meio. Alguns observadores têm mais dificuldades em encontrar um bebê do que outros. Haverá resistências? Angústias que precisarão ser superadas? Nesse momento, o grupo funciona como continente das dificuldades, possibilitando que estas sejam trabalhadas e elaboradas para o prosseguimento da tarefa de observação proposta.

Os participantes do grupo dão início às observações, momento que é também gerador de ansiedades, e o papel do coordenador e do grupo é de continência para receber e trabalhar as dificuldades e fantasias que se apresentam nas primeiras observações, sendo que a principal diz respeito à construção de seu papel de observador e sua relação com o grupo. Assim, coordenador e observadores desenvolvem uma relação de intimidade durante o trabalho de acompanhamento das mães e de seus bebês junto às famílias.

É importante salientar que o coordenador participa e é afetado nas trocas íntimas com os diversos membros do grupo de seminário; dessa maneira, também participa da intimidade do grupo e da família, o que é necessário para facilitar a captação do que ocorre nas observações e de como o grupo está funcionando. Precisa também estar atento para captar e trabalhar situações quer individuais

ou fenômenos de grupo para dar uma continuidade aos seminários de forma criativa e produtiva.

A conduta do coordenador deve ser firme e delicada, cuidando para que o foco da observação se mantenha e facilite o desenvolvimento e o crescimento do grupo. É uma situação diferente da situação da clínica, na qual utilizamos a interpretação. A sua função é ajudar os observadores a suportar o desconhecido e construir um espaço para conter as ansiedades, como: ter necessidade de uma atitude ativa para resolver os problemas da mãe e de seu bebê; querer orientar as famílias ou até rivalizar com a mãe, criticando-a. O clima de intimidade da situação de observação revela as características da personalidade de cada observador; ter uma conduta mais intervencionista ou permanecer numa atitude continente, mobilizar rivalidades quer com a mãe, quer com elementos do grupo etc.

Podem ocorrer situações que comprometem o próprio método e o andamento dos seminários. Nesses casos, o papel do coordenador é fundamental, seu conhecimento tanto das dinâmicas pessoais como das de grupo e sua experiência permite-lhe manejar tais situações, ou mesmo, em casos extremos, orientar o participante a interromper o trabalho. Esses casos são raros, principalmente quando trabalhamos com pessoas mais experientes e que já passaram por um processo de análise. O mais frequente é algum participante apresentar dificuldade em conseguir um bebê para observar e interromper o trabalho, retornando em outro momento.

A situação de contato com intimidade da dupla mãe-bebê e as discussões nos seminários promovem o desenvolvimento do observador e do grupo. O fato de o observador partilhar com o grupo, numa situação de intimidade, seus sentimentos, sensações e sonhos é de grande valia para o desenvolvimento de todos, ajuda os participantes a ampliarem o conhecimento de como se forma o psiquismo e a importância de um ambiente acolhedor, capaz de

ajudar a digerir as ansiedades primitivas e, pouco a pouco, torná-las elementos úteis para pensar.

O coordenador necessita conhecer as dinâmicas de grupo para apreender e lidar com fenômenos que surjam no decorrer da experiência, a fim de que haja crescimento do trabalho do grupo e de todos os seus integrantes.

Conclusão

Sabemos como essa experiência tem sido muito enriquecedora na formação de futuros psicoterapeutas/psicanalistas capacitando-os para a sua função clínica, tornando-os mais continentais, sensíveis e capazes de compreender comunicações não verbais.

Essa experiência possibilita ao observador confrontar o bebê idealizado com o bebê real e observar a trajetória do desenvolvimento da mente humana e das relações iniciais, bem como as adaptações que tanto a mãe como o bebê fazem durante esse caminho que trilham juntos.

A observação é, portanto, para o futuro psicanalista, como pensou Bick, um instrumento muito rico para sua formação, o que levou alguns autores a considerarem essa experiência como o quarto elemento da formação, ao lado da análise, dos cursos e da supervisão, o chamado tripé da formação.

Referências

- Bick, E. (1967). Notas sobre la observación de lactantes en la enseñanza del psicoanálisis. *Rev. de Psicoanálisis*, 24(1), 97-115. (Trabalho original publicado em 1964).

- Bion, W. (1975). *Experiências com grupos*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1968).
- Bion, W. (1988). *Estudos revisados (Second thoughts)*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1967).
- Bion, W. (1991). *O aprender com a experiência*. (P. D. Corrêa, trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1962).
- Chevalérias, M. P. (2003). Intimité et lien intime (Intimidade e vínculo, S. M. Gonçalves, trad.). *Le Divan Familial*, 2(11), 11-23.
- Correa, M. J., Ungar, V., & Zac, C. H. (2010). *La transferencia y en rol del observador en el método Bick*. Painel apresentado no XX Congresso da Federación Psicoanalítica de América Latina (Fepal), Bogotá, Colômbia.
- Darchis, E. (2003). Aux sources de l'intimité (As fontes da intimidade, J. B. N. França, trad.). *Le Divan Familial*, 2(11), 87-101.
- Daws, D. (2001). Les dangers de l'intimite: proximité et distance au cours de l'alimentation et du sevrage. *Medicine & Hygiène*, 1(13), 7-30.
- França, N. R. F. (2010). *Comentários sobre o painel "La transferencia y el papel del observador en el método Bick"*. Apresentado no XX Congresso da Federación Psicoanalítica de América Latina (Fepal), Bogotá, Colômbia.
- França, N. R. F., & Grunspun, S. (2005). *Facetas da observação*. Trabalho apresentado no XX Congresso Brasileiro de Psicanálise: Poder, Sofrimento Psíquico e Contemporaneidade, 2005, Brasília, Brasil.
- Grunspun, S. (2003, 14 de agosto). *Observando a observação de bebês*. Trabalho apresentado em reunião científica da SBPSP.

- Houzel, D. (1997). Observação de bebês e psicanálise, ponto de vista epistemológico. In M.-B Lacroix, e M. Monmayrant (Orgs.), *Observação de bebês: os laços do encantamento* (pp. 87-94). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Houzel, D. (2010). Infant Observation and the Receptive Mind. *Infant Observation*, 13(2), 119-133.
- Inglez de Souza, M. (2003). *Observação de bebês, sua contribuição para a formação do psicanalista*. Trabalho apresentado no VI Encuentro Latino Americano de Institutos de Psicoanálisis, Santiago, Chile.
- Klein, M. (1985). Sobre a observação do comportamento de bebês. In M. Klein, *Inveja e gratidão e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1952).
- Lartigue, T. (1999). Relevância para el psicoanálisis de la observación de bebés. *Cuadernos de Psicoanálisis*, 32(1-2).
- Mélega, M. (1987). Observação da relação mãe-bebê, instrumento de ensino em psicanálise. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 21(3), 309-327.
- Prat, R. (1992). O diálogo das emoções (N. P. Franch, trad.). *Jornal de Psicanálise*, 25(48), 129-158.
- Rustin, M. (2000). Que vemos en la nursery? La observación de lactante como trabajo de laboratório. *Revista Internacional de Observación de Lactantes*, 1, Fundación Kamala.
- Shuttlewort, J. (1997). A importância do desenvolvimento do controle metacognitivo sobre as representações mentais para o desenvolvimento pais-bebês. In M. P. Mélega, *Tendências: observação da relação mãe-bebê método Esther Bick* (pp. 15-34). São Paulo: Unimarco.

Ungar, V. (2000). *Os fundamentos teóricos en el método de observación de bebés de Mrs. Bick*. Buenos Aires. (Apostila).

Ungar, V. et al. (2001). *La observación de bebés y la identidad psicoanalítica*. Apresentação no Departamento de Niños y Adolescentes, Asociación Psicoanalítica de Buenos Aires (AP-deBA), Buenos Aires, Argentina.

Winnicott, D. W. (1985). Transitional Objets and Trasional Phenomena. In D. W. Winnicott, *Playing and Reality* (pp. 1-30). London: Pelican. (Trabalho original publicado em 1971).

2. A observação psicanalítica: instrumento privilegiado na construção da identidade analítica. Os vértices de Bick, Bion e Meltzer

Alicia Beatriz Dorado de Lisondo¹

O problema que parece ser extremamente importante, penso, mais importante todos os dias, é de observação... Não conheço nenhum trabalho científico que não se baseie na observação.

Bion, 1978/1990b, pp. 39-40

Introdução, a observação²

A observação é um instrumento do método científico. A especificidade da observação psicanalítica é precisamente o reconhe-

-
- 1 Psicóloga, membro efetivo e analista didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP). Docente do Grupo de Estudos de Psicanálise de Campinas (GEPCCampinas). Coordenadora do Curso de Observação da relação mãe-bebê segundo o método Bick (SBPSP). Coordenadora do Grupo de Adoção e Parentalidade. Coparticipante do Grupo de Pesquisa sobre Autismo (GPPA Protocolo Prisma).
 - 2 Observação: 1) Olhar atento sobre qualquer coisa ou pessoa. 2) Análise detalhada por instrumentos adequados. 3) Exame minucioso de fenômenos ou fatos físicos ou morais. (*Dicionário Michaelis*).



Psicanalista com considerável experiência clínica e didática, a organizadora nos brinda com este primoroso livro que reúne artigos de psicanalistas de renome, no Brasil e na Europa, que ampliam os temas observação de bebês e intimidade.

Esses textos, criteriosamente selecionados, compõem um arcabouço teórico-clínico que instiga reflexões sobre o trabalho analítico e instrumentaliza profissionais tanto da clínica como de instituições a apurarem seu senso de observação na arte de ser continente de si.

Cristina Maria Cortezzi

Psicanalista, mestre em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e membro efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP)

PSICANÁLISE

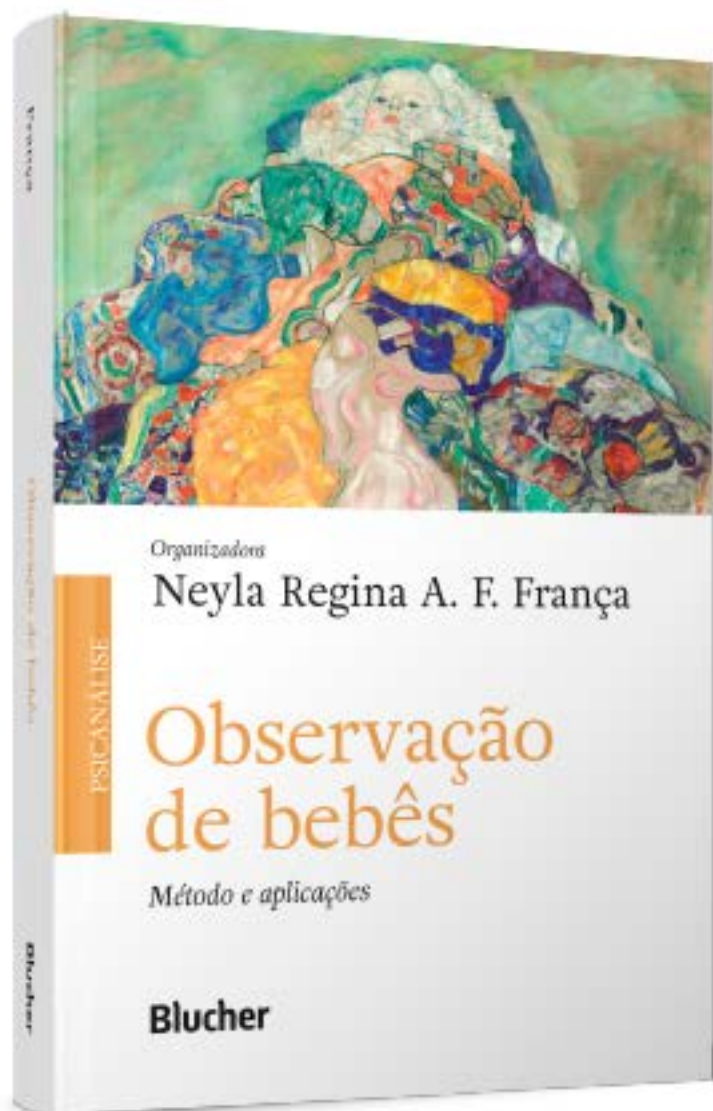
ISBN 978-85-212-1430-4



9 788521 214304

www.blucher.com.br

Blucher



Clique aqui e:

VEJA NA LOJA

Observação de Bebês Método e aplicações

Neyla Regina de Ávila Ferreira França

ISBN: 9788521214304

Páginas: 222

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2019

Peso: 0.280 kg
